

TROFÉU CANDANGO

Não aposte nenhum tostão em profecias

Júri heterogêneo, gêneros variados: premiação do Festival é uma surpresa

Maria do Rosário Caetano

Quem receberá, na noite de hoje, o "Troféu Candango" de melhor filme?

Depois do desastre da premiação do ano passado, que quase enterrou a credibilidade do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, resta torcer pelo bom-senso. Como o júri é composto só por gente do ramo, tudo leva a crer que os prêmios serão entregues com critério, sem distributivismo caridoso.

Se predominar a postura de Marcelo Rubem Paiva, o veredito será dos mais corajosos. Afinal, disse ele ao **Caderno 2**: "Serei rigoroso, sem rabeo preso ou sentimento de pena". Tal radicalidade não deverá pautar os outros quatro membros do júri (os cineastas Vladimir Carvalho, José Joffily e Paulo Augusto Gomes e o fotógrafo Fernando Duarte). Cada um, sedimentado em sua experiência, elegerá os melhores, com a agudeza que conquistaram em sua lide cinematográfica. Nenhum, porém, tomará atitudes fechadas.

Quem, na maioria das vezes, assume tal postura, são os júris compostos com grande número de críticos e artistas que colocam em segundo plano a estrutura política do fazer cinematográfico (num país dependente como o Brasil). Isto aconteceu em Gramado, quando "Maravada Carne", de André Klotzel, arrebatou praticamente todos os prêmios. Não satisfeito em concentrar os "Kikitos" no filme paulista, o júri ainda achou por bem lançar carta pesada, onde lamentava os desca-

minhos do cinema brasileiro. Foi um Deus no acuda.

Um por um

Os cinco membros do júri são pessoas que não separam o processo da criação das condições objetivas que o cercam. Vladimir Carvalho é um contumaz defensor do cinema documentário, gênero ao qual vem dedicando sua vida. Que ninguém se espante se "Avenida Brasil" ou "Que Bom Te Ver Viva" despontarem com prêmios importantes.

Paulo Augusto Gomes e José Joffily são cineastas que ainda lutam para sair do primeiro filme (o primeiro dirigiu "Idolatrada" e batalha a produção de "Kosmic Blues"; o segundo, "Urubus e Papagaios", e prepara "Morte na Uly Company"). Portanto, mais que ninguém, sabem que fazer cinema não é fácil. Há que se cavar muito. Isto pode levá-los a combater a concentração excessiva de prêmios em um só filme.

Fernando Duarte, detentor de vários troféus candangos, entende como poucos de seu métier. Quem fotografou o magnífico "Vestibular 70" tem todos os atributos para julgar com rara precisão a fotografia dos filmes concorrentes. E nesta área, dá para supor que ele destacará as fotografias de "Os Sermões" (José Tadeu Ribeiro); "Minas Texas" (Gilberto Otero) e "Lili, a Estrela do Crime" (Antônio Luis Mendes). Se predominar a concepção de fotografia como exercício de um corpo a corpo com a vida, a vez será de Miguel Rio Branco, que seguiu todas as barras em "Uma Avenida Chamada Brasil". Escolher a "melhor fotografia do Festival será interessante, pois há bons trabalhos em concurso".

Melhores atores

A mesma fartura não estará presente na escolha de "melhor atriz". Não há um grande papel feminino neste festival. No páreo, Andréa Beltrão (a "Janu", de Minas Texas); Irene Ravache (com seu longo monólogo em "Que Bom Te Ver Viva"); Françoise Fourton ou Imana Reis ("Jardim de Alah") e Beth Faria (a Lili Carabina, de "Lili, a Estrela

do Crime"). Nenhum papel inesquecível como os de Marcélia Cartaxo em "A Hora da Estrela"; Zezé Motta, em "Xica da Silva", ou Fernanda Montenegro em "Tudo Bem", que um dia sacudiram Brasília.

O melhor ator, há quase consenso, é Othon Bastos (o Padre Vieira de "Os Sermões"). O Corisco de "Deus e o Diabo na Terra do Sol" está no auge de sua maturidade e conseguiu brilhar num filme de Júlio Bressane, onde ator quase não passa de "detalhe". Muita gente, finda a sessão de "Os Sermões" lamentava não ter visto nem metade dos nomes registrados nos créditos do filme, tão fugazes eram suas intervenções. Por fora, correm José Dumont (o caubói Roy Pereira e o sacristão Athayde), Raul Cortez (Jardim de Alah), e Reginaldo Farias (Lili).

Na área de "ator coadjuvante", o júri também não terá muitas opções para discutir. A melhor atuação é de Álvaro Freire, em "Minas Texas". No papel do General, (que já velho se traveste de padre e quer fazer a reforma agrária na base da espingarda) é excelente.

A melhor atriz coadjuvante é, sem dúvida, a estreante Valéria Frascino, a empregada doméstica (Zilda) de "Jardim de Alah". Patrícia Travassos (a Vivi Escopeta de "Lili") também aparece bem. Em "Minas Texas", há que se notar a ótima Maria Sílvia, tão integrada ao mundo cinematográfico de Prates Correia.

Trilha sonora

A escolha de trilha sonora e música original deverá causar muita polêmica no júri, pois a ausência de Sérgio Saraceni, compositor de 22 trilhas para longa-metragem, não

veio. Sem sua experiência, a tarefa ficará a cargo de três cineastas, um fotógrafo e um escritor (vale lembrar que Marcelo Paiva já colocou a mão na massa nos estúdios da Escola de Comunicação e Arte da USP).

De saída, há que se reconhecer que a melhor trilha e música original são de Tavinho Moura. Seu trabalho em "Minas Texas" é resultado de uma verdadeira arqueologia musical. Ele buscou nos cantos do Vale do Jequitinhonha o canto folclórico de Minas, mas foi obrigado por Charles Stone, o diretor do filme, a mergulhar, também, nos clichês do banguê-banguê, recriando-os. Uma trilha rara, que transforma "Minas Texas" numa verdadeira comédia musical.

O trabalho sonoro de "Os Sermões" tem que ser visto sob dois ângulos. Primeiro, o da música original, composta por Lívio Tratemberg. Segundo, a trilha propriamente dita. Quem foi ao debate de "Os Sermões" ouviu Bressane explicar seu trabalho: "Reuni músicas que pudessem ser um canto paralelo, que corressem ao lado da sonoridade do Barroco (músicas planetárias: Schumann, Bach, Forret) e arrei a trilha. Ai convidei Lívio Tratemberg para compor a música original em cima do tecido que já havia montado. Ele deveria colocar umas noções onde não havia coloração musical. Lívio preencheu quatro manchas abertas e fez uma paródia musical muito sofisticada. Algo como música atonal barroca. É como se Bach tocasse num sintetizador. Sua música está na sequência da morte do Rei, na navalha nos olhos, no poema de Soror Juana e no final".

A ausência de um músico no júri deixa-o desaparelhado para analisar tais sutilezas. (Por falar nisso, outro ausente do júri é o dramaturgo e roteirista Alcione Araújo, que não pôde vir).

Melhor filme

Um dado que este ano não causará polêmica é a tradicional disputa entre cariocas e paulistas. Isto, porque não há um filme no Festival

que não seja carioca. "Minas Texas" é metade mineiro, embora Carlos Alberto Prates (que assina o filme como Charles Stone, tanto no letreiro inicial quanto na dedicatória final, em memória de Joaquim Pedro) viva há muitos anos no Rio.

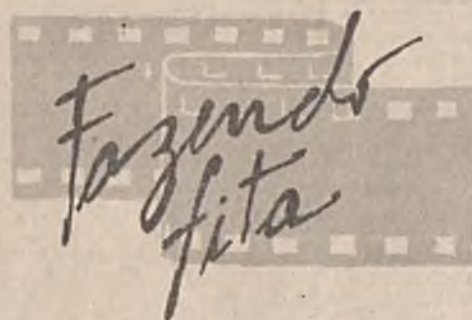
A disputa, não há dúvida, está entre "Os Sermões" e "Minas Texas", os dois filmes mais criativos do Festival. Aliás dois filmes que reprocessam o cinema, através de inúmeras citações. Bressane compila, de forma magistral, alguns dos maiores momentos do cinema mundial (vários inventos mágicos de Meliés; "Cidadão Kane", de Orson Welles; "O Tesouro de Sierra Madre"; de Huston; "Joana D'Arc"; de Dreyer, etc. etc, pois são 18, ao todo). Prates, aliás, Charles Stone, compila o banguê-banguê, que fez a cabeça de milhares de pessoas, mundo a fora. A dele, inclusive. E de quebra, nos faz lembrar "Macunaima" e Noites da Sertão). Como Bressane, a colagem de Prates (digo, Charles Stone) é de excelente resultado. Em especial nos 20 primeiros minutos, quando o filme corre em pique vertiginoso e irresistível.

Se "Minas Texas" for escolhido como "o melhor filme", Júlio Bressane será o melhor diretor. Ou vice-versa. Pode dar zebra: "Que Bom Te Ver Viva", documentário forte e bem construído.

Resta ver como se processará a discussão no seio do júri. E reservar para a noite de hoje uma surpresa: quem receberá os prêmios de Charles Stone? Sim, pois Carlos Alberto Prates não quer papo: "O filme", diz sério, "é de Charles Stone". E é mesmo. Não há um só letreiro no filme que registre o nome do autor de "Crioulo Doido", "Perdida" e "Noites do Sertão".

Poucos Curtas

A safra de curtas que veio a Brasília não faz jus ao grande momento que os filmes de pequena duração viveram em Gramado, onde "Ilha das Flores", "Dov Meneghetti" e "Traçado por Dentro" causaram sensação. Aqui, nenhum curta arrebatou. A produção ficou entre o razoável e o bom. Nenhum título excepcional. Tudo leva a crer o vencedor será "Musika", de Rafael Conde, por sua ousadia de fugir do comum. Os dois documentários — "Dia de Visita" e "Pós-Modernidade" — são competentes. "Canal Clic" e "Mamãe Parabólica" não tiveram a agudeza necessária para trabalhar tema tão polêmico quanto a relação do mundo moderno (e seus frágeis habitantes) com a Tv. "O Amor nos Anos 90" não trouxe do Sul o vigor de "Ilha das Flores". "O Dia em Que Dorival Encarou a Guarda" e "Barbosa".



Da Equipe do Caderno 2

Crítica

Na noite de hoje, além dos Troféus Candangos, um filme receberá o Prêmio da Crítica, atribuído pela Associação dos Críticos de Cinema do Rio de Janeiro. A entidade, presidida por Carlos Alberto Mattos, tem, no Festival de Brasília, número significativo de associados. O prêmio será entregue por Ricardo Cotta, da revista "Tabu" editada pelo Cineclub de Estação Botafogo, e da revista "Cinemim".



Informação

Marco Altberg (foto), diretor de operações da Embrasil, chegou a Brasília para os dias finais do Festival: não teve a mínima dificuldade para imediatamente saber tudo o que está e o que não está rolando na festa brasiliense do cinema.

Som

"Quantas vezes ouvis o que não ouvis". A frase do Padre Vieira é prefeita e fulminante para se definir a absurda situação do sistema de som do "Cine Brasília", que faz com que vários filmes do Festival retornem ao estado de cinema mudo. A questão é técnica: o sistema de som do Cine Brasília é mono. Novamente a mono pobreza do sistema de som prejudicou mais um filme, no sábado: "Os Sermões", de Júlio Bressane. Mudar o atual sistema mono para o sistema dolby-stéreo custa muito dinheiro. Mas é preciso mudar urgentemente o sistema de som do Cine Brasília. Se não termos, por razões técnicas, não um festival do cinema mudo, mas um festival cinema do tatibete ininteligível. Não deu para entender nelhuídas da fala de Haroldo de Campos, interpretando seu poema "Galáxia", nos Sermões, nem fazendo uma tradução intersemiótica.

Descoberta

Françoise Fourton está furiosa com o **Jornal de Brasília**. Na manhã de ontem, ao ser fotografada por Milla Petrillo, ela comentou: "Ah, finalmente vocês descobriram que eu estou aqui!". Na verdade, nossa equipe de reportagem "descobriu" a atriz na noite de sexta-feira, no Cine Brasília. Só que, naquela tarde, no Hotel Carlton, quem estava preocupado com a demora dela, era o produtor de "Jardim de Alah", Walter Ribeiro. Ela chegou, está af, no páreo, disputando o "Troféu Candango" de melhor atriz, na cidade onde cresceu e estudou. E cercada pela fama, pois neste momento, está nua nas páginas de Playboy e atormentando a vida de Ascânio (Reginaldo Faria) e Leonora (Lidia Brondi) na novela "Tieta do Agreste". No mais, boa sorte para ela e o simpatíssimo "Jardim de Alah".

Público

O Festival de Brasília passou por todas as provas de público. Não houve um dia sem casa lotada e gente sentada no chão. Tudo começou com os 950 espectadores da primeira noite, que mostrou "Avenida Brasil" (496 ingressos vendidos e o restante, convidados e credenciados). No segundo dia (Lili, a Estrela do Crime), o número de ingressos vendidos subiu para 820, e o gerente da sala calculou um público de 1.100 espectadores. Na sexta-feira ("Que Bom Te Ver Viva") o público não sofreu queda significativa: 750 ingressos vendidos e 250 convidados e credenciados. No sábado ("Os Sermões") o cinema explodiu: 994 ingressos somaram-se a 300 convidados e credenciados. Quase 1.300 espectadores numa sala de 606 assentos. O ar refrigerado saiu do grau zero para cinco graus negativos e, mesmo assim, deu para sentir calor. No domingo, dia de novo debate presidencial na TV, o público diminuiu, mas a sala continou cheia: 556 ingressos vendidos e 300 convidados.

O Festivalzinho bateu record de público no sábado e domingo. No sábado, contou o gerente Toninho Pizza, tivemos que fazer sessão extra, pois cinco ônibus chegaram atrasados.

Minas Texas

O ator José Dumont, que participa de "Minas Texas", dirigido por Carlos Alberto Prates, aterrissou em Brasília ainda sem ter visto o filme, que saiu quentinho da mesa de montagem para o Festival. Dumont estava muito satisfeito, pois Prates e "Minas Texas" lhe permitiram explorar espaços nunca antes navegados em termos de interpretação. Dumont ficou mais de quatro anos sem ser convidado para trabalhar, apesar de já ter faturado muitos prêmios. Dumont acredita que o trabalho de "Minas Texas" vai liberá-lo do karma de ser um ator de determinado tipo. "Lá fora um ator como Dustin Hoffman é convidado para fazer papel. Eu também posso fazer várias coisas. Não quero me escrivizar ao tipo" — fulmina José Dumont.



XXVII FESTIVAL DE BRASÍLIA DO CINEMA BRASILEIRO



OS PREMIADOS EM BRASÍLIA

- 1965 — Longa: "A Hora e a Vez de Augusto Matraga", de Roberto Santos.
- 1966 — Longa: "Todas as Mulheres do Mundo", de Domingos de Oliveira
- Curta: "A Força do Mar", de Klaus Scheel.
- 1967 — Longa: "Proezas de Satanás na Vila do Leva e Trás", de Paulo Gil Soares.
- Curta: "Ver, Ouvir", de Antônio Carlos Fontoura.
- 1968 — Longa: "O Bandido da Luz Vermelha", de Rogério Sganzerla.
- Curta: "Blá, Blá, Blá", de Andrea Tonacci.
- 1969 — Longa: "Memória de Helena", de David Neves.
- Curta: "A Guimaraes Rosa", de Roberto Santos e Marcello Tassara.
- 1970 — Longa: "Os Deuses e os Mortos", de Ruy Guerra.
- Curta: "Batuque", de Still.
- 1971 — Longa: "A Casa Assassinada", de Paulo César Saraceni.
- Curta: "Farnese, Caixas, Montagens e Objetos", de Olivio Tavares.
- 1975 — Longa: "Guerra Conjugal", de Joaquim Pedro de Andrade.
- Curta: "Cemitério de Adão e Eva", de Carlos Augusto Calil.
- 1976 — Longa: "Xica da Silva", de Cacá Diegues.
- Curta: "Cerâmica do Vale Jequitinhonha", de José Tavares de Barros.
- 1977 — Longa: "Tenda dos Milagres", de Nelson Pereira dos Santos.
- Curta: "Brinquedo Popular do Nordeste", de Pedro Jorge.
- 1978 — Longa: "Tudo Bem", de Arnaldo Jabor.
- Curta: "Cavalhadas de Pirenópolis", José Petrillo.
- 1979 — Longa: "Muito Prazer", de David Neves.
- Curta: "Itaúnas-Desastre Ecológico", de Orlando Bonfim Neto
- 1980 — Longa: "Iracema", de Jorge Bodansky e Orlando Senna.
- Curta: "A Trama da Rede", de José Inácio Parente.
- 1981 — Longa: "O Homem do Pau Brasil", de Joaquim Pedro de Andrade.
- Curta: "Um Sorriso, por Favor", de José de Barros.
- 1982 — Longa: "Tabu", de Júlio Bressane.
- Curta: "Eh, Pagu, eh", de Ivo Branco.
- 1983 — Longa: "O Mágico e o Delegado", de Fernando Coni Campos.
- Curta: "Mato Eles?", de Sérgio Bianchi.
- 1984 — Longa: "Nunca Fomos Tão Felizes", de Murilo Salles.
- Curta: "O Incrível Senhor Blois", de Nuno César de Abreu.
- 1985 — Longa: "A Hora da Estrela", de Suzana Amaral.
- Curta: "Porta de Fogo", de Edgard Navarro.
- 1986 — Longa: "A Cor do seu Destino", de Jorge Duran.
- Curta: "Quem Matou Elias Zi?", de Murilo Santos.
- 1987 — Longa: "Anjos da Noite", de Wilson Barros.
- Curta: "Cidadão Jatobá", de Maria Luísa Aboim.
- 1988 — Longa: "Memória Viva", de Octávio Bezerra e "O Mentiroso", de Werner Schunemann.
- Curta: "A Garcia das Telas", de Cao Hamburger.

COTAÇÕES — EQUIPE CADERNO 2

FILMES	Mª do Rosário Caetano	Rubens Araújo	Guilherme Vaz	Gloconda Caputo	Celso Araújo
Dia de Visita	***	*	**	**	*
Uma Avenida Chamada Brasil	***	***	***	***	***
Musika	***	**	***	**	***
Lili, a Estrela do Crime	**	*	***	***	***
Canal Clic	**	**	*	**	**
Que Bom Te Ver Viva	****	**	****	***	**
O Amor nos Anos 90	**	**	*	***	***
Os Sermões	****	*****	*****	*****	*****
Pós-Modernidade	***	**	**	***	—
Jardim de Alah	***	**	**	***	—
Mamãe Parabólica	**	**	*	—	***
Minas Texas	****	****	***	—	***
<p>* Ruim ** Razoável *** Bom **** Ótimo ***** Excelente</p>					